



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa de Galato do Porto — Paga de Sousa
Vales do Correio para Cete — Preço 1400

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão — Tip. da Casa Non'Alvaros R. Santa Catarina, 628-Porto
Visado pela Comissão de Censura

De como foi a minha segunda corrida ó dinheiro

Foi assim. Saí de casa a tempo de dar fundo nas Pedras pela volta do jantar. Estava convidado para esse fim, e a horinha de comer nunca foi de despresar, mórmente nos tempos que correm. Gostei de ir para os confins de Portugal. E' que, como temos casas em Coimbra e no Porto, quando peço acolá, vem logo o Padre Adriano: *Deixe cá vêr*, e leva-me tudo. O mesmo faz o Pacheco, quando peço no Porto. Porém, desta feita, não. Fugí dos comilões e comí eu tudo.

Houve pausas no caminho, fruto de um carro às ordens. A primeira foi a dois passos de Amarante, de visita a um velho amigo da Zambézia, hoje na sua casa de campo, que é um solar de família. Gosto de solares. Tenho muita pênna quando oiço dizer, ao perguntar: *aquêlê foi de fulano, hoje é de sicrano*. Os sicranos, em regra, não sabem mexer em coisas santas. São estrangeiros.

Bati à porta daquêlê. Vem a creada que é do tempo dos senhores. Nota-se dentro uma deliciosa unção religiosa. Tudo nos fala do amor de família. Os solares eram vinculos. Hoje tudo quer ser livre.

Dáfi a nada, começo a subir o Marão. Há uma *encrenca* no carro. Quem safa a raspada? Um pequenito dali, que foi a casa num instante, por um bocado de arame. Em Vila Real, entrou-se numa garage. O carro tem dentro, no lugar próprio, um cartão a dizer que é da Casa do Gaiato. E' da lei. As leis civis, às vezes, acertam.

Tanto bastou, para que o dono viesse dizer que não era nada e rogar uma assinatura do famoso jornaleco! *Muito obrigado, meu senhor*, e andei. Ali perto há o solar de Mateus. Conhecia por vêr postais a inostrar e a dizer. Havia tempo. *Vamos lá*. Enquanto admirava o exterior, alguém diz: *olhe o fulano de Coimbra*. Entrei. *Tome lá e faça-me assinante*, foram as derradeiras palavras, que são sempre as primeiras.

Agora vai-se a caminho

das Pedras. E' fim de semana. Famílias que o vão fazer às Pedras, outras fóra delas, eis a razão do movimento nas estradas. A' hora marcada, estavamos à mesa. Mesa de hotéis, tanto faz qual deles seja. Oh tijelinha de caldo feita na nossa lareira!

Naquela manhã, antes de sair de casa, aparece-me uma mulher do povo, com uma pretensão. Trazia uma saca muito pequenina e dentro dela uma garrafa do mesmo jeito e explica: *era para umas papinhas*. Chamei o Constantino para ir encher a saca de farinha e a garrafa de azeite.

—Oh mulher; para outra vez traga coisa maior.

—V. tem tanto a quem dar!

Oh! *comercio negro*; abre os teus olhos e bate no peito, se és capaz de arrendimento. Se todos se contentassem com pouco, como esta mulher fez, haveria suficiencia no mundo.

Os creados de mesa serviam. Era leitão assado. Tinha sido peixe. Veio depois o mais. O terciêto, no palanque, deliciava a assistencia. A mim não. Eu estava longe. *E' para umas papinhas!*

O meu nome tinha sido afixado no cartaz. Dá pênna andar como o pão branco nas feiras! Quando é que os portugueses me querem entregar discretamente as quantias necessárias para se levar a obra ao fim—quando?!

A' hora marcada subi ao estrado, numa das salas do hotel Universal. Uma comissão de três cavalheiros, tinha as coisas preparadas e suspirava por um bom acolhimento. Perto de sete contos.

Dali, coube a vez a Vidago; aos hospedes de Vidago. Todos os hotéis me esperavam, mas não me foi possível atender. Levava horas contadas. Menos gente, diziam. As Empresas levantaram as tarifas e acabaram com muitas doenças! O Palace, estava embargado este ano por um baile. Um *baile deslumbrante*, como vinha no cartaz, com a assistencia de *gentis meninas* como também lá vinha. Mas então a Obra chamada do Padre Américo já não é

aquilo que se afirma à boca cheia?! Ele pode haver hoje em Portugal qualquer força que a embargue? Pode sim senhor e de facto há. Um baile com *meninas gentis*—e o resto. Pronto.

Dali para o Gerez, outro passo doloroso da minha via sacra, foi um passeio verdadeiramente agradável. Em Vila Pouca, mudou-se de direcção. Continuamos por muitas léguas em Traz-os-Montes, até que nos surge de repente a primeira pince-lada minhota. E' Ribeira de Pena. Que maravilha! *Oh homem, pare lá-isso*. E o motorista parou. E' lá ao fundo de tudo, o quadro de beleza. Há coisas que se não traduzem. Paulo de Tarso viu, ouviu, sentiu e nada disse. Quíz ali ficar, ficar, ficar, mas ainda não chegou a minha hora. *Anda lá*.

Descemos à vila. Tinha pôsto fazer uma visita a alguém do lugar e assim aconteceu. Há almas tão escondidas, que é preciso procurá-las, mesmo que estejam perto de nós. Esta que eu fui visitar é assim.

A' despedida, sinto uma nota na mão e guardei. Mais tarde vejo. Que nota!

Vem agora o Arco de Baulhe e depois, Cabeceiras de Basto. Muitas *alminhas* na beira das estradas — muitas. São irmãs das da nossa Aldeia. A imortalidade é o dogma que tem mais expressões. Em Cabeceiras fez-se pausa. Vi duas torres formosas dum templo da mesma sorte. Pedi a chave para entrar. Enquanto foram por ela, entrei nos claustros do Convento. Não vi um unico epitafio nas campas dos antigos monges, um unico. Nem nos claustros, nem na igreja! Acho bem. Para a morte só o silencio. Por cima, e em toda a residencia que foi da Comunidade Benedictina, são agora dependencias das repartições publicas, inclusivê a da guarda republicana. Que pênna! Tudo mal instalado porque tudo profanado.

Povo da Comarca, entra no que foram celas a pagar taxas a Cesar. A justiça é distribuida no que parece ter sido sala do capitulo, mas

enferma de raiz. O primeiro acto deveria ter sido dar o seu a seu dono. A Deus o que é de Deus.

Saí com estas considerações no espirito, a vêr se a chave já tinha vindo. Não viera. Faço tempo na praça. Era dia de feira, pela gente que passava com gado à sôga. Noto que uma mulher se verga em cata não sei de quê, às portas da Camara, que o mesmo é dizer às do antigo convento. Aproximei-me. Eram grãos de milho, de uma distribuição que ali se fizera ontem.

—E' para uma galinha. Eu tenho uma galinhinha. Está prêsa.

Conta da sua pobresa, da fome que tem passado, dos 90 anos da Mãe, da doença do marido: *olhe, também ando às pontas para êle. Ele fuma*. Bem pudera increpar o seu marido pelo vicio de fumar. Casas aonde não há pão, ralha-se. Mas não. A caridade tudo suporta. Tinha vindo de estar com condessas e marquêsas e outras pessoas assim; se não tivessem a caridade desta mulher — nada são, por muito que pareçam.

Nisto vem a chave. Entrei no templo. O guia, pergunta se eu quero vêr a sacristia velha. Quíz sim senhor. Tanta riqueza perdida! Só visto. Que penada desastrosa, aquela de 34! Nem sempre os que cometem erros lhe sofrem as consequencias. Nem eles nem os do seu tempo. São os vindoiros. O dia ia declinando. No Gerez esperava-se por mim. Estava marcado para as 22 a *conferencia* no Casino. Tomamos o rumo daquela estancia. Vem agora Rossas com seu pelourinho. Vieira do Minho é a seguir e lá no fundo, o Gerez.

Lá estava o meu nome espetado com 4 pregos nas árvores da Avenida. Pobre de mim! Nem quíz lêr. Não acredito em nada do que dizem a meu respeito. São nomes.

A' hora anunciada comecei a dar noticias a um publico reduzido e interessado. Retirei uma hora depois em direcção à nossa Aldeia. Era

Nota da quinzena

UM dos vendedores do jornal, no regresso da praça, entregou um bilhete do Sócio gerente da Drogaria Costa, a dizer assim: «O seu Carlos Inácio, resistiu hoje à tentação da gula. Teimei com êle para comer um pastel e o Homem resistiu e venceu. Junto remeto 20\$00 para que o autorise a comprar com eles o que entender».

O rapaz foi chamado à barra para ouvir ler este cartão de boas novas diante da Comunidade e deu-se-lhe a nota com ordem de comprar o que quizer, na primeira ida à cidade. Vamos a vêr os gostos que ele tem.

No Gerez, após a minha palestra, uma senhora de Braga, aonde os vendedores costumam ir comer, contou-me entre outras, esta feliz novidade: «eles pedem para lavar as mãos e rezam antes e depois de comer.» Estes dois anuncios, teriam sido muito mais eloquentes naquela noite, feitas por pessoa estranha, do que toda a minha «importante conferencia.» E agora, também eu quero fazer uma revelação muito simples: as paredes das nossas casas não estão riscadas.

Estas três comunicações da vida familiar dos nossos, são documento de riais valores humanos que andavam perdidos ou mal orientados. São tudo coisas muito pequeninas, sim, mas indice seguro das suas grandes possibilidades. Isto de perguntar aonde é que se lavam as mãos antes de comer, por quem não tinha sitio aonde se lavar. O levantar o pensamento a Deus antes e depois da refeição, por quem tinha antes a catequese das ruas. E fazê-lo fóra e longe de casa, sem sequer dar fé de que está sendo notado—isto é um programa de vida. E que dizer do não riscar paredes! Tantas, tão novinhas, Continua na terceira página

madrugada quando entramos o portão.

Ao sair de Casa, o mestre de obras apresentara-me a folha de pagamento da derradeira quinzena — dezoito contos. *Espere*, disse, *que eu regresso*. Cuidava que ia buscar o suficiente. Enganei-me. Os homens cada vez estão mais ricos!.. Tive de procurar 3 contos noutra parte, para satisfazer o compromisso da folha.

Auxílio eficaz

Por muita gente e por maneiras diferentes, tenho sido ajudado nos trabalhos de redimir o garoto da rua, porém, isto de solicitar de vez em quando um vagonsinho de milho e recebe-lo, leva a palma a tudo quanto me possam oferecer. É um valor real. É pão num tempo em que ele falta, e está tudo dito. Foi um pedreiro que me deu a ideia, logo no principio das nossas obras. Ele picava granito, quando eu cheguei à sua beira.

—Olhe lá; você dá-se com o senhor Salazar? E sem esperar resposta, supondo que eu me dava, disse imediatamente:

—Peça-lhe milho pra gente se consolar de pão. De pãosinho.

Foi o pedreiro, naquela hora. Não foi mais ninguém. Eu apenas transmiti a ideia do homem e desde então, nunca mais faltou na nossa aldeia, para os nossos trabalhadores, o bocadinho de pão. É uma verdadeira festa, quando chega o vagão. O pessoal da estação de Cete, toma parte. Com este derradeiro vagão, o Chefe quiz-nos mandar notícia imediatamente após a chegada. Eram 23 horas. O telefone chama. Quem será?

Era o senhor vagão. Já cá está! É o pão dos pobres. Tem sabor especial.

Esta facilidade do pão, traz os homens alegres. Não procuram outras terras, onde receberiam jornas mais elevadas. Não procuram. Contentam-se com menos dinheiro, a trôco da certeza do pão. Estão ao pé de casa. É a mulher que traz o caldo — tudo facilidades.

A outra face da medalha, ainda tem mais que vê e apreciar! Aonde poderia eu ir buscar fundos, se tivesse de pagar jornais altos—aonde?! Nem tinha cara para tanto. Mas assim tenho. Peço migalhas. Custa pouco pedir. Menos custa dar. E assim, pobres como somos, construímos à maneira dos pobres, uma obra grande e seria a bem da nação.

Sursum corda!

Um amigo fiel é uma protecção forte; quem chega a encontrá-lo, encontra um tesouro.

Precisamos todos uns dos outros: os pobres dos ricos e os ricos dos pobres; o rei dos vassallos e os vassallos do rei; o humilde do soberbo e o soberbo do humilde; e até o amigo do inimigo e este daquele.

Quantos vultos célebres não se têm erguido da obscuridade em que se encontravam, formada e definida a sua personalidade, e por fim serem úteis à humanidade, só porque tiveram uma mão amiga que os colocou no limiar do futuro sucesso. Quantos! Lutando sempre com os olhos fitos num Ideal, vencendo todas as contrariedades do longo caminho e alimentados pela chama de palavras estimulantes dos seus benfeitores, quantos não alcançaram o apogeu da celebridade!

Mas no decorrer do espinhoso trajecto, enquanto subiam lenta mas firmemente os degraus íngremes dessa ascensão, muitos viram a revolta de alguns dos seus amigos, muitos passaram a ouvir, em vez de palavras de incitamento e de estímulo, outras de retrocesso no sentido de desmoronarem todo o edificio já levantado! Onde está a razão desta mudança? Sabemos nós e sabem-no eles. Nunca supuseram que os levantados e auxiliados pela sua mão pudessem um dia subir além da posição que ocupam, e quando isso succedeu, dentro deles principiou a ouvir-se o eco da revolta, do desapontamento. E então, em lugar de continuarem a sua obra de edificação, tentam destruir o que está já solidamente alicerçado.

Para aqueles que sabem e se aperfeiçoam na escalada da vida, ao verificarem a encoberta mudança dos seus primitivos amigos e hoje acérrimos inimigos, resta-lhes levantar os corações ao Alto e continuar sempre a considerá-los como amigos, tirando das suas injustiças e imprecações, outras tantas palavras de estímulo e de consolação.

Herlander.

VISITANTES

Sim senhor. Dão todos o seu recadinho muito bem dado. Há-os deles que até são muito eloquentes! Temos tido dias, mesmo à semana, em que os automoveis difficilmente se acomodam, de tantos que são. O nosso «Marão» que os costumava perseguir de perto, agora foge, de tantas pancadas que apanhou. Mais visitantes.

CRÓNICA DO LAR DO PORTO

RUA D. JOÃO IV-882

*H*Á principios estabelecidos que é forçoso respeitar, mesmo que o público não possa entender o porque da nossa maneira de pensar e agir.

Este de evitarmos que os rapazes do Lar do Porto tragam consigo, sem controle, dinheiro, é primacial para a tarefa de quem tenha a responsabilidade — e que pesada ela é! — de os orientar. Todos eles estão na idade crítica, dobrando o difficil cotovêlo da adolescência para a juventude. É a idade

em que adquirem hábitos de economia, de disciplina de costumes, de rigidez de carácter. E pode ser a idade em que se semeiam as tempestades e cataclismos duma vida inteira.

Os rapazes deste Lar tem o direito de dispor, a seu gosto, de alguns escudos por mês. Dá-se-lhes esse gosto. Mas é preciso que a vigilância não seja iludida tornando possível

atribuir a esse dinheiro despê-sas, afinal, pagas com outro de diferente modo obtido. Até hoje não tivemos um desgosto dêsse com os rapazes empregados no Porto. Mas para o evitarmos é preciso que todos nos auxiliem a respeitar os principios estabelecidos dentro da Obra.

Não tivemos um desgosto dêsse, sim. Ao contrário; por vezes os superiores e companheiros de trabalho dos nossos rapazes se comprazem em exaltar-lhes o gosto do trabalho e

daqui nasce a ideia de os quererem gratificar. Isso é contra a vontade da Obra da Rua. Inteligente foi a solução adoptada na Vacuum e na J. N. P. P. onde espontaneamente brotou a iniciativa de criar o mealheiro do paquete onde entram os trocos ou demasias e bem assim quaisquer gratificações com que os empregados e funcionários querem mimosear os gaiatos ali empregados. Em qualquer oportunidade festiva o mealheiro produzirá uma prenda para o rapaz. Assim, sim. Estimula-se, acarinha-se e não se deseduca.

Estas considerações são motivadas por um facto recente que se relata sem mais comentários, pois os dispensa a intelligência dos leitores:

Fez 15 anos, um dia dêsse, um dos nossos rapazes. A telefonista da casa onde trabalha festejou-lhos com 2\$50 para rebuçados. Outro senhor deixou-lhe ficar nas mãos \$30 de demasia em qualquer recado. Vamos a ver a applicação do dinheiro: um maço de cigarros 1\$00; uma caixa de fosforos \$30; no bolso (quando providencialmente se descobriu a semente dum vício) 1\$50, verba esta que o rapaz, em pleno tribunal, com lágrimas de sincero arrependimento, declarou reverter a favor dos pobres da nossa conferência.

•••

Nêsse mesmo tribunal, outro foi chamado à barra para receber um louvor e servir de lição a todos. Foi o Júlio.

—Donde é essa chave que trazes no cinto. —É da porta da Secretaria. Eu entro todos os dias antes dos superiores para pôr as coisas em ordem.

O facto da honestidade do Júlio merecer esta confiança dos superiores foi devidamente sublinhado e posto em contraste com o vício dum dos servidores aqui do Lar de chamar seu a tudo o que encontra no chão: borrachas, lápis, estampas e o que calha.

SERVO.



Noticias dos nossos Pobres

O ceguinho do nosso Tesoureiro continua a vir almoçar a nossa Casa. Tem o pai doente, e impossibilitado de trabalhar. Pede sempre ao nosso contrade visitador um casaquito. Não se esqueçam, amigos leitores, do pedido do nosso protegido. O Filomeno (Pretito) continua no leito, padecendo. Espera a vaga no Sanatório. Como só come de desejos, um nosso amigo ofereceu-lhe um dia destes, dois pécegos, de que ele muito gostou. Também o mesmo amigo, por intermédio da Conferencia, deu ao pequenito duas caixas de remédio para lhe suavizar as dores das chagas. Que Deus faça com que haja brevemente vaga no Sanatório. A pobresinha de Camões tem andado em tratamento no Hospital de Santa Maria, parece andar agora melhorzinha. A filha continua vendendo tremoços. Recebemos dos nossos benfeitores as seguintes dádivas para os nossos pobres: de uma Senhora anónima M. A. a quantia de 20\$ que entregou no Espelho da Moda e também de umas Senhoras de Espinho recebemos o donativo de 20\$00. A Conferencia agradece em nome dos pobresinhos. Se muitos nos ajudassem quanto bem não poderíamos fazer a nós próprios socorrendo os nossos pobres.

Um dos cozinheiros de Paço de Sousa, o Carlos, veio para o Porto, em troca com o Velha, que foi para cozinheiro Mór de Paço de Sousa. O Carlos está empregado no mesmo emprego onde estava o Velha, na Padaria Cunha. Diz que o trabalho é muito mas o Snr. Padre Américo diz que assim está bem porque o Carlos precisa de trabalhar muito.



Eis aqui o Periquito em trage de domingo. Dantes, era farrapo de andar ós tostões

Irmãs da Caridade

Nos nossos primeiros tempos de Colónias de Campo, ainda em S. Pedro d'Alva, estavam à mesa os colonos quando chegam uns visitantes. De entre eles destaca-se imediatamente uma rapariga, que vai direitinha aos rapazes como as abelhas à flor.

Ela ageita, serve, pergunta, vai buscar, chora de contente. Aquelas creanças incendiaram-na! Mais tarde, soube-a nas *creaditas dos Pobres*. Não foi ser; já era irmã da caridade. A vocação é um selo que Deus põe na alma da gente, ao nascer. Tudo o mais são adaptações.

Ora isto vem para dizer que dentro de breves tempos, havemos de ter Irmãs da Caridade no nosso pequeno hospital. Já cá esteve a visitadora a tomar ponto e eu passo agora os dias ancioso, a vêr o acabamento das obras. É que tenho muita pressa. Sinto a necessidade de acudir às *creadelas*, não como até aqui, mas sim como deve ser.

Escolhi filhas de S. Vicente de Paulo. Gosto muito de uma coisa que vem na regra delas: *Não se podem aceitar na Congregação creadas de servir*. O Santo não quiz considerar excepções; foi direitinho à regra geral e acabou. Havia de haver um Santo que ditasse a mesma coisa para os sacerdotes. Quantos males se não evitaríamos!

Colónias de Campo

Dos colonos do terceiro grupo, temos a dizer que por pouco atingiam a perfeição... Ele pontos na testa, braços, partidos, cigarros, assaltos. Era a rua! Oito deles, fugiram! Tudo massa apta para ficar na «Aldeia», sim; mas que é do espaço? Voltaram para o que é deles, completar a sua formatura e atingir a perfeição.

Gosta-se mais de sustentar os criminosos do que evitar os crimes. É mais comodo...

Presentemente está o quarto e derradeiro grupo. Vieram 42 rapazes da marca. Por ora não temos razões de queixa. O Manuel Gonçalves, de Coimbra, comanda. O Barbosa de Parada e o Baptista de Cabeça Santa e o Gonçalves de Coimbra, tudo rapazes dos Seminários, ajudam.

Notícias da Casa de MIRANDA

POR JOÃO CARLOS FREITAS

Porto está empregado na farmácia de Miranda. Apesar de lá não ser preciso a Senhora D. Camilá faz o favor de lá o ter. Gostam lá muito do Porto e dizem que ele tem muito boas qualidades para lá estar. Dá-lhe o almoço e a merenda. O trabalho dele é aviar os recados e limpar os vidros das prateleiras. Vem sempre muito contente.

Lisboa que veio do Porto está agora empregado num serralheiro, ao pé da estação. Gosta muito de lá estar. Ao meio-dia vem almoçar a casa. Volta à tarde sempre todo sujo. O patrão gosta muito dele. Por enquanto só dá ao fole e bate ferro. Tem-se lá portado muito bem.

ESTA vez a venda do nosso jornalzinho foi menos má. A Coimbra foram dois meninos vender no sábado e no domingo. A Figueira foram três. O Porto foi a Luso com o Snr. P.º Adriano e vendeu 90 jornais e dez livros da Obra da Rua. A Louzã foram dois meninos e um a Miranda. Esgotaram-se todos os jornais em número de 650. Se mais houvessem mais se vendiam.

NA Figueira os vendedores do jornal ao intervalo entraram na Praça dos touros. Vendiam muito. Quase todos compravam para fazer capacetes contra o sol. Quando os toureiros espetavam as farpas nos touros, o Carlos, o negro estava com muita pena: coitadinhos dos touros!

Carlos e o Joaninha, respectivamente um roupeiro e o outro servente de mesa, à hora do trabalho estavam em disputa por causa dum rapa. Nisto apareceu a Senhora, e eles por pouco que não raparam uma bofetada cada um.

NO outro dia o Lisboa (seminarista) estava a ajudar à missa. Nisto o Snr. P.º Adriano disse: «Dominus vobiscum», o ajudante distraído a fazer a meditação respondeu: boa noite. Todos se riram mas o Lisboa não deu por ela.

VIERAM mais dois meninos. Um de Coimbra outro de Buarcos. O de Coimbra andava pelas ruas a vadiar. Já não tem pai. O de Buarcos andava sempre fugido de casa e da escola. Não tem mãe. Há dias assaltou a casa do pai partindo os vidros e roubou-lhe todo o dinheiro. Tem nove anos e parece muito esperto.

Velha era um dos mais velhos cá na casa. Foi o décimo sexto a vir para cá em 1940. Agora foi para o Porto. Ficou o Leiria como cozinheiro. O cão Tachica parece que anda sempre triste. O Rui no outro dia disse à Senhora: O' Mãe o Tachica está a chorar pelo Velha.

Vinha a dizer

... nos jornais d'aquela dia, que em Santa Clara de Coimbra, num olival, fôra encontrada uma mendiga atacada de formigas, já em côma, pelo que veio a falecer no hospital!

Eu acho que casos destes é que deviam ser levados à Conferencia dos Grandes e ali tratados como merecem, pela sua gravidade. Mais. E', até, por não se ter seguido esta ordem, que vivemos todos hoje em grande desordem. Esta mulher que morreu às mãos das formigas por nossa culpa, estava no inventário. Alguem há-de responder. Ela é uma criação directa e actual de Deus, objecto do primeiro mandamento. Esta doutrina nunca se desacredita, embora os homens não a acreditem—nunca.

MIRANTE DE COIMBRA

Não tem férias o bom agricultor. Nos meses em que outros descansam, tem ele trabalhos dobrados. Assim nós. Para exemplo, eis o giro da última semana: segunda—Coimbra; terça—Miranda; quarta—Sr.º da Piedade; quinta—Peniche; sexta—Miranda; sábado—Coimbra; domingo—Luso. De novo começa o fadário: Snr.º da Piedade...

Era aqui, neste soberbo mirante que eu queria fazer uma pausa para alinhar duas idéias, mas quem pode parar com tantas almas a pulir e tantas bocas a devorar?! Por amor dos vadios estou mais vadio do que eles.

No Lar são trinta homens, com os defeitos próprios da idade, do meio e da educação; na Casa do Gaiato são quarenta e cinco rapazinhos, alguns chegados há pouco com mais vícios que dias de vida. O último entrou no sábado. O pai mastigava as lágrimas ao explicar a sua triste desdita. «Sou viúvo, tenho muitos filhos, para lhes arranjar o pão tenho de andar fora de casa. Este é o mais malandro de todos. Fugia-me da escola, agora fugiu da família. Há dias entrou em casa depois de partir os vidros da janela, e roubou todo o sustento dos irmãos. Tome conta dele senão eu mato-o à pancada».

E aqui no Lar das Colónias? E' um nunca acabar de valdevinos. Não pude assistir à largada de Coimbra. Tinha recomendado aos dirigentes que trouxessem só quarenta, mas logo que chego do Luso um garoto da Estação informa: olhe que foi uma malta deles! Eram mais de sessenta, cum r...! Agarrei-me ao telefone para ralhar, mas a resposta tapou-me a boca—quem pode resistir aos pedidos deles? Eram 59. Já com as pequenitas da rua, que precederam o presente tempo, tinha sucedido o mesmo. A Câmara pôs à disposição um transporte de vinte e quatro lugares. Os dirigentes tinham ordens severas: só quarenta. A' mesa apareceram 59. Número fatídico! Só fechavam a porta quando no veículo já não cabia nem mais uma cabeça. Quem pode resistir às súplicas que saem de estômagos vasios?

Apenas um caso entre tantos. E' o dum rapazinho da Rua Direita. Como todas as que conheço com tal nome, esta é bem torta. Dizem que tem cincoenta e tantas tabernas. Nunca as contei. Muito vinho, pouco pão. Pois o pequenito correu sucessivamente quatro médicos até que encontrou um que lhe passou atestado favorável.

- Que disse o outro médico!
 - Que eu tinha sombras nos pulmões.
 - Mas tu não comes bem?
 - Quando o dão... na minha casa ninguém o ganha.
 - Que faz o teu pai?
 - Não faz nada, tem sombras nos pulmões.
 - Está mais alguém doente na tua casa?
 - Tenho outra irmãzita, que nem foi para a Figueira porque também tem sombras.
- Tantas sombras! Elas na rua, elas nas águas-furtadas, elas no estômago, elas nos pulmões, elas nas almas. E todas vão levar às sombras dos ciprestes da Conchada. Que admira! se há criança que estiveram nas colónias, que já em vida ali mora por falta de habitação...

Mas, voltando aos estômagos: E o sustento? — Olha, dizia um carregador de Miranda, à chegada dos estagiários, mais cincoenta! Paga Zé Povinho!

Descanse meu caro senhor, e tu também meu pobre Zé. Nem uma só gota do teu suor se misturou ao nosso pão. Nem Câmara, nem Socorro Social contribuíram para as Colónias de Férias do garoto da Baixa, com um centavo sequer. Ah! eu julgava, dizia uma mulherzinha de Tábuas, que era com as nossas décimas que vocês davam de comer... Descanse também tia Maria. A Obra da Rua, é obra de amor e não de impostos que, só por serem impostos, denunciam violência. E, onde apareceu a violência cessou o amor. O nosso banco são os púlpitos onde o pão do espírito, como no deserto, se multiplica em pão dos famintos. Assim sucedeu no passado domingo no Luso, donde trouxe 3.300\$00, que pouco duram. Os nossos trabalhos...

PADRE ADRIANO.

Cantinho dos Rapazes

Meus queridos filhos: Dois dos nossos, o Porto e o Inácio, viram um destes dias o vosso antigo companheiro Zé Maria, na estação de Recarei. Embarcou, disseram eles, não sabendo para onde. Sim. O Zé Maria também não sabe. Anda sem destino, sem morada. Se algum topa nos caminhos, serão outros que tais. Os bons, fogem e aqui está toda a sua desgraça. Eu quero que cada um de vós atenda e medite este caso. De tudo se pode fazer uma lição. Sabeis qual a raiz de todo o mal que aconteceu ao vosso antigo companheiro? Não sabeis? Sei eu. Não tinha gosto pelo trabalho. Só isto. Tive ocasião de o observar muitas vezes, em qualquer obrigação, mas sobretudo quando ele tinha a de trabalhar do campo. Todos os passos que dava era a inventar a maneira mais airosa de não fazer nada. Nunca procurou acostumar-se ao trabalho. Eis aqui o grande inimigo. E' isto o que sucede aos que não querem trabalhar; dão em vadios. Necessariamente em vadios.

Ora muito bem. A maior herança que um de vós pode levar desta casa paterna, é o amor ao trabalho. Não há melhor tesoiro. O trabalho enche a nossa vida. Não deixa lugar para os maus pensamentos. Jesus de Nazaré, consentia que o chamassem mestre: "Oh Mestre". Era assim que os discípulos diziam. Ora Ele trabalhou. Esta é a nossa lição.

Nota da Quinzena

Continuação da primeira página

tentadoras! E eles com lápis e tinta e carvão à mão! Parecem mocinhos importados da Holanda porquanto o riscar muros é um costume nacional.

Vamos gabar esta fauna de tudo e por tudo? Não senhor. Nenhum deles é aquela pessoa que se apresenta. Cada um é a herança da rua. Mas como neles tudo é de aproveitar, muita coisa boa se aproveita. Eu sou testemunha de vêr, de ouvir e de sentir. O brilhante foi um cervão negro!

Talvez se aproveitem menos valores entre a mocidade dos enriquecidos, que, além de empobrecerem o mundo, derrancam os filhos—e o mundo. Acreditam-se com o dinheiro, mas a verdade é que o dinheiro nunca foi boa credencial.

Venda do N.º 65

Nem se fala! Os crescimos subiram a 922\$90. Os livros, chegaram à casa dos cem redondos. Os jornais que passaram da mão dos vendedores para as dos compradores, atingiram a cifra de 2.400. "Olha o Gaiato"! E' a palavra nova de Portugal.

Quinze novos assinantes entregaram as suas mensagens de adesão ao movimento. Sete deles antigos, entregaram 140\$00, para fugirem à fama de caloteiros. Vejo-os da Foz, do Porto, da Covilhã, de Silveiras, de Famalicão, dos Minas da Panasqueira, de Espinho, de S. João da da Madeira, de Paredes do Vouga — se mais Portugal, mais assinantes.

A verdadeira revolução é a das almas, não das armas. E' ela que faz chorar de alegria. Quantos não choram, só com o pensamento do que viriam a ser no mundo estas creanças, se não estivessem hoje sob o signo da Cruz—quantos!

Isto é a Casa do Gaiato

O RIO TINTO assumiu definitivamente a obrigação de coser o nosso pão; milho ou trigo, que ele de tudo sabe. Tem por ajudante o Zé Sá. Ele era o *Chegadinho*, mas este houve de tomar conta da copa, em virtude de o Prata ser chamado a outro cargo. O Rio Tinto dá conta. Teve sempre a inclinação de ser o nosso foinheiro. Aprendeu de boa vontade e depressa. São cinco alqueires por dia. Peneirar - Amassar - Tender. Eu ajudo. Ajudar! Como? Sim; eu ajudo. O Rio Tinto costuma chamar por mim, quando tira o pão do forno: *Venha ver como ficou lindo*. Este meu ir é ajudar.

Quando eu era pequenino, ia ceifar erva nos campos, na companhia de outros irmãos. Ao regressar, em vez de ir directamente lançar a erva ao palheiro, ficava de cesto à cabeça, a chamar pela mãe, que viesse ver.

Olhe o meu cesto como é grande!

E esperava até que ela viesse. Ela ajudava-me, sem dar fé.

NÓS temos rapazes que já acharam a sua consciência; nas ruas de onde vieram, nunca o teriam feito. Ora escutem. O *Magala* apanhou 3 ovos e foi levá-los muito depressa à cozinha das *colónias*, para esta lh'os coser. Estavam, então, as *colónias* a funcionar. A cozinheira tomou os ovos, mas não os cozeu.

Deu-os a um dos chefes para entregar de novo na nossa cozinha, e que não dissesse nada ao Padre Américo, *pró menino não sofrer*. Muito bem. Nessa noite houve tribunal e a meio da audiência, Rio Tinto, que era o chefe em questão, pede a palavra. Ali, diante de todos, chama o *Magala*, conta o feito, denuncia o recado da cozinheira e declara solenemente: *Há coisas que se não podem calar; esta é uma delas*.

SE os tribunais tem sempre muito que ver nas nossas Comunidades, aos domingos não se fala. O Domingo é o dia mais perigoso. São maiores as tentações. A primeira é a dos automóveis. Os nossos vêm afeitos a correr atrás deles e seus congéneres. A velocidade irrita-os. Ora aqui não pode ser. Eles tem de perder os hábitos dos caminhos. Somos tão rigorosos neste ponto, que nem sequer damos licença aos rapazes para estacionarem junto dos veículos.

A segunda tentação, também muito importante, é a de aceitar dos senhores coisas de comer. Esta é a mais difícil, pela violência que lhes fazem: *anda que ninguém vê*. Ora para estes grandes males, implantamos grandes remédios: nomeiam-se vigias especiais entre a malta.

A noite, dão contas. São eles mesmos que chamam à barra os implicados.

No Domingo passado, o *batata nova* compareceu 3 vezes, implicado em 3 casos, nomeados por 3 vigias. Um caso de estacionamento junto dos automóveis. Um caso de ter aceitado fruta de uns senhores. Um caso de ter ido as hortas por tomates e cenouras. E ainda um quarto caso, de uma denúncia particular, por ter ido pedir de comer à cozinha das *colónias*. Eis aqui o *batata nova*! Este e outros delinquentes, por saberem que são à noite e todas as noites massacrados, fuzilados e apupados no tribunal; que são constantemente e activamente vigiados uns pelos outros, acabam por se render e começam a depôr armas antigas.

HÁ muito que se não recebia na aldeia um rapaz de enxoval. Veio um. E' o quinto de entre 178 registados. Entre tantos farrapões, há cinco, que alguém se lembrou de vestir! Pois bem. O pequeno, que tem uma história igual à dos mais, vinha muito estimado e ficou em um quarto da Casa-Mãe, por falta de aposentos nas casas deles.

No dia seguinte, vou dar com ele muito aflito, a chorar, e depressa soube: Estava roubado! Os cordões das botas e umas ligas muito bonitas. O pequenito desfazia-se em pranto ao pé de mim. *Roubaram-me*.

A' noite houve um terrível conselho. Coloquei no meio o roubado e levantei a minha voz para dizer coisas. Tantas e tais, que no dia seguinte apareceram os objectos no sitio aonde estavam. O ladrão portou-se bem, mas eu queria mais. Pedi para que ele viesse procurar às escondidas e às escondidas me dissesse como foi. Até à data ainda não apareceu.

Mas não desanimo; outros, em idênticas circunstâncias, têm vindo.

TEMOS tido no meio de nós, há um rôr de tempo, o Nuno de Riachos, aquele simpático teólogo do Seminário de Cristo Rei. Por ser bom, tem feito bons os nossos rapazes. O Periquito, faz-lhe a barba dia sim dia não, com infinitas ameaças, que são meiguices: *esteja quieto que o posso cortar*. Os cozinheiros dão-lhe mimos. O Pepe fez-lhe um martelo, a primeira obra que lhe saiu das mãos. Os carpinteiros, dois caixilhos. Os sapateiros lastimavam-se, por não sabarem que dar.

Estas sóquitas, disseram eles

ao mestre. *Não; o senhor Padre Nuno não quer isso para nada*. O Manuel, pesaroso e generoso, foi pessoalmente oferecer os seus prestimos: *ao menos engraxo-lhe as botas!* Mas o *Staca* teve um lampêjo, e fizeram um trancelim de cabedal, aonde o Nuno prende hoje o relógio. Fazer homens fortes desta fraca gente, só por bondade. Nuno de Riachos, o seu lugar é aqui.

A O passar, há dias, por Cabeceiras, quiz ouvir coisas de um pequenino vadio que nos veio ter, daquela terra. E' o Luiz, que dá pelo nome de *Presidente*. Porque? Por haver declarado solenemente que deseja ser presidente da república! Desde essa hora grande, ficou a ser conhecido na malta por *presidente*. E' o presidente. E' de uma vivacidade assustadora, este pequenino. Que viria ele a dar, se ficasse por lá?! E como este, quantos?! Pois o Luiz é filho de uma mulher de muitos filhos, sem homem. Esta, soube-o ali, obrigava o rapaz a entregar-lhe quinze tostões por dia. O pequeno arranjava mais, em regra, mas não entregava. Só dava os quinze tostões, e o resto escondia num buraco, para quando não lhe apetecesse mendigar. Amor com amor se paga. A Mãe madrastra, faz o filho bastardo.

FOL hoje, dia 28 de Agosto, o maior susto da minha vida inteira. Começou ao meio dia e estendeu-se por uns 8 minutos. Todos os segundos foram de tremer. Era o Periquito a fazer-me a barba.

— Olha lá se me cortas.

— Não há-de haver azar.

Mas houve. Houve azar sim senhor. Quasi no fim da operação, veio sangue! Não era meu; era dele. O Periquito cortou-se! Fugi alvoroçado com a barba meia feita, enquanto o *barbeiro*, com o dedo na bacia, fazia um mar de sangue.

O Periquito veio agora aqui fazer uma claração de posse: *nasceram-me sete coelhos*, e logo disse dia e hora: *Foi no dia 16 de manhã cedo*. Periquito interessa-se muito pela criação daqueles roedores, e faz negócio com eles! Ora eu notei muito aquele nasceram-me: Me, a mim, quere ele dizer. O Senhor Marx havia de ter vindo aqui aprender sociologia antes de escrever livros. Aqui na fonte.

OUTRA Periquite. Ele gosta muito de ciceronar, o Periquito, conquanto não tenha essa missão. Ontem chegou um carro elegante e de dentro dele saiu um par muito fidalgo. Periquito aproxima-se. Mostra. Informa. Entram na aula de canto,

no momento em que se ensaiava o *foi na loja do mestre André*. O do pifarito fazia um gesto engraçado. Os senhores quiseram saber quem ele era.

— E' o General, informa o cicerone. E' o nosso general. Andá cá, general!

O general, que é o Valdemar, veio. O visitante chamou-o para ao pé de si, tira da carteira uma fotografia constelada, mostra ao rapaz e diz: *serás um dia assim?* A fotografia era dele. Tratava-se do General Júlio Pereira Lourenço, que nos quis visitar!

OS leitores recordam-se daquele rapaz que veio aqui num retrato, com aparência de ferido num campo de concentração? Recordam-se? E' o Artur. Pois bem. Já deu uma sova no Taquedinho, anda a ceifar erva todo o dia e chamam-lhe o *Feliciano*, de hercúleo que está! O que pode a borôa do Rio Tinto!

O Sapo está doente. Aguarda o leite há uns dias a esta data e todos os cuidados lhe tem sido dispensados. E' uma *creadela*. Aqui se comunica àquele alguém da Murtosa que desejaria mandar outro Sapo, não haver palmo de espaço. E só por isso, não que a gente desgoste de Sapos.

Assinaturas pagas

Luis Jaime Godinho Ramos, 25\$; Maria Palmira Neto da Conceição, 25\$; C. Felgueiras e Sousa, 100\$; Leopoldina Lima de Oliveira, 50\$; Dr. José Santa Rita, 50\$; Idalina Sousa Fontes (Mutamba), 50\$, todos de Inhambane (África).

Alvaro Galiza de Matos, Inharrime (África), 50\$; Maria Teresa da Rocha, Morrumbene (África), 50\$; Maria Lucília Pais de Matos, Lourenço Marques, 100\$; A. Felgueiras e Sousa, Lourenço Marques, 50\$; Eva Fernando e Letilde Felgueiras e Sousa, Lourenço Marques, 50\$; Joaquim Tomaz Passinhas Júnior, Borralha (Agueda), 30\$; Asnaldo Santiago, e Castro, Aguada de Cima, 30\$; Abel Luís Pires, Aguada de Cima, 30\$; Joaquim Pereira da Silva, Aguada de Cima, 25\$; António Lopes Dinis, Bencanta, 20\$; António José Nuues Rangel, Aradas, 30\$; Alvaro Augusto Pinto de Queiroz, Senhora da Hora, 20\$; José Gil, Cadima, 50\$; Dr. Antunes da Silva, Tomar, 50\$; Augusto de Sousa Oliveira, Tomar, 50\$; Maria da Glória Martins Pereira, Baltar, 25\$; Anselmo Alves Borges, Paço de Sousa, 125\$.

Francisco José Veloso, 20\$; Eng.º Roberto Vieira Ribeiro, 30\$; Alfredo António de Azevedo, 25\$; Arquitecto Mário de Moraes Soares, 50\$; Olinda Pereira Moraes (2 meses), 20\$; Francisco Fernandes Guimarães, 100\$; Joaquim Ferreira Dias, 20\$; Alcino Lopes Coelho, 50\$; P.º Querubim de Sousa, 50\$; Madalena da Rocha Brito, 25\$; Joaquim Moreira da Silva, 100\$; Amélia Figueiredo, 30\$; Miguel Azevedo, 50\$; Alexandre Esteves, 20\$; António Lima Pinto, 100\$, todos do Porto.

Abílio Ferreira (1/2 ano), Milheirós, 25\$; Aurélio Quelhas (1/2 ano), Milheirós, 25\$; Américo da Silva Tiago (1/2 ano), Milheirós, 25\$; Alcino da Costa Lamas (1/2 ano), Milheirós, 25\$; Escola Dramática e Musical (1/2 ano), Milheirós, 25\$; P.º Joaquim Guerreiro Barbas, Safará, 20\$; Casa da Divina Providência, Safará, 20\$; Francisco Assis Ferreira, Setúbal, 100\$; Luísa Serpa, Viseu, 20\$; José Martins Branco, Amaranente, 50\$; P.º Alfredo Moraes Martins (2 anos), Touro, 60\$; Albino Abranches, Lisboa, 100\$; Henrique Moraes David, Lisboa, 100\$; Ilda Gomes Mota, Lisboa, 50\$; G. Moraes, Lisboa, 25\$;

Desde há muito que sou sincero admirador da obra. Pena é que não me encontre em circunstâncias de o poder auxiliar como era meu desejo.

Mas posso, pelo menos, levar-lhe o meu aplauso, afirmação de verdadeira simpatia e comunicar-lhe que desejo tornar-me assinante do vosso jornal, prometendo não me poupar a esforços para angariar mais assinantes para o jornal.

Subscribo-me, fazendo votos pela saúde de V. e prosperidades da «Casa do Gaiato».

Assim, sim. O que nós precisamos é de gente que se não poupe a trabalhos para arranjar assinantes. Muitos assinantes.

Nem há forma mais eficaz, nem mais barata do que esta, para nos ajudar a viver desafogadamente. E quanto não dá o «Gaiato» em troca da esmola da sua assinatura?

Só o sabor que ele tem torna-o acepipe de grande merecimento. Anda-se pelos hotéis e restaurantes à procura de bons pratos, e desconhece-se este prato! E' que ainda és homem carnal.

O teu deus é o ventre. Mal vai ao mundo aonde falta a fome e a sede de Verdade.

Guilhermino Farinha Portela, Lisboa, 30\$; Menino João Pedro Leone Zanatti Rodrigues (1/2 ano) Lisboa, 15\$; Maria Luísa da Rocha Camargo, 100\$; Dr. Gastão Martim Graça, Lisboa, 30\$; Maria de Lourdes Mendes de Faria (p/ mu ar enderêco), Coruche, 5\$; Joaquim Antunes Trincão, Tôrres Novas, 25\$; Laurindo Ferreira Machado, Olivais, 25\$; Nuno Lúcio Cordeiro, Riacho, 24\$; P.º José do Carmo Vicente, Alcobaca, 50\$; Amadeu Fragoço de Moraes, Espinho, 50\$; Abílio Esperança, Mogadouro, 20\$; Hernani Meneses, Lamego, 20\$; Judith Meneses de Vilhena, Luanda, 50\$; Nuno da Silva Ferreira, (África)-Lobito, 20\$; José de Vasconcelos, Algés, 200\$; Tércio Guimarães, Aveiro, 20\$; Jaime de Magalhães Margues Oliveira, Tomar, 20\$; Dr. José Carvalho, Lourinhã, 50\$; Joaquim Fernandes, Matosinhos, 250\$; Hermínia Guedes Malheiro Figueiredo, Penafiel, 50\$; Elisa Amorim, Castelo de Paiva, 50\$; Júlia C. Ferreira Pipa, Braga, 50\$; Abade de S. João do Souto, Braga, 20\$; P.º Gonçalo Abreu Pinheiro, Braga, 20\$; Dr. Egídio Amorim Guimarães, Braga, 30\$; Maria dos Anjos Lemos Feliz, Sernancelhe, 20\$; Serafim Tavares Alves, Anadia, 20\$; Alfredo Luis Ferreira, Anadia, 20\$; Aires Leitão, Anadia, 20\$; António Fernandes Júnior, Anadia, 20\$; Maria Augusta Si-

mões Raposo, Anadia, 20\$; Francisco de Matos, Mogofores, 20\$; Laura Castanheira de Figueiredo, Mogofores, 25\$; José Marques Bouça, Freixianda, 50\$; Maria do Sacramento Simões, Ilhavo, 50\$; Feliciano de Oliveira, Viana do Castelo, 50\$; Maria Efigénia de Alpuim, Viana do Castelo, 25\$; Miguel Ferreira A. de Alpuim, M.º Rodrigues, Foz do Douro, 30\$; Luís Miranda, Rio Tinto, 50\$; Maria Isabel de Carvalho Moreira, Castelo de Paiva, 20\$; Albino Machado Lima, S. Martinho do Campo, 50\$; Celeste Teles de Oliveira, Coimbra, 25\$; Maria Cerveira, Coimbra, 25\$; Augusto Campos, Coimbra, 50\$; Margarida Vaz Monteiro de Matos e Silva, Ponte de Sor, 100\$; M.me G. Wild, Estoril, 25\$; Silvino de Albuquerque Caldas, Vila N. de Gaia, 20\$; Gracinda Marques, Valongo, 20\$; Dr. João Fernandes de Freitas, Guimarães, 20\$; Ezequiel Augusto Marcos, Aldeia da Ponte, 20\$; Maria das Dores Fialho Garcia, Barrancos, 50\$; António Sardinha (2 anos), Coimbrões, 100\$; José Leal, Paredes, 50\$; Hercúleo Ribeiro da Costa, Paredes, 20\$; Francisco Gil, Cadima, 50\$; P.º Joaquim Alves Ferreira, Mouços, 20\$; Alvaro Alves Borges, Maiorca, 100\$; Fernando Almeida, Foz do Douro, 50\$; Lucinda Maria Tavares, Cano, 25\$; Prof.º José Mendes Moreira de Seabra e Sousa, Vila Cova, 30\$.

P.º Manuel da Silva Pereira, Macinhata do Vouga, 20\$; Alvaro Alves Borges, Maiorca (2 anos), 100\$; José Pais Neto, Penafiel, 20\$; P.º António de Gouveia Rodrigues, Tentugal—Montemor-o-Velho, 50\$; Menino Rui Vicente Martins, Lisboa, 20\$; D. Maria Helena Botelho Cansado, Lisboa, 30\$; Manuel de Portugal Branco, Lisboa, 50\$; António Monteiro de Sousa Magalhães, Paredes (2 anos), 40\$; Maria Manuel Correia e Santos Leite, S. João da Madeira-Quintã, 20\$; Maria do Carmo Duarte Branquinho, Coimbra, 20\$; Maria Ema Falcão Mendonça, Lisboa, 30\$; Zulmira Lima Vidal, Coimbra-Colégio de S. José 30\$; Manuel Pereira Muge, Ovar, 20\$; Dr. Augusto Rêgo, Braga, 50\$; António Augusto Soares Leal, Porto, 30\$; Américo Martins Pena, Areosa-Ermezinde, 50\$; Fernando Lobão, Gandra-Gondomar, 20\$; Alvaro Alvares Ribeiro, Lamego, 20\$; José Lopes da Costa, Senhora Aparecida, 20\$; José António dos Reis Alves, Tôrres Vedras, 20\$; Miguel Guerreiro Duarte, Viana do Alentejo, 20\$; Angelina Daira, Matosinhos, 20\$; Dr. José Marques Neto, Cantanhede, 40\$; António Faria de Moraes, Porto, 50\$; Arnaldo Correia de Lemos, Lisboa, 50\$; Germano da Silva Tôrres, Matosinhos (2 anos), 70\$; Inês de Almeida, Porto, 20\$; D. Lucrecia Maria Godinho Peixoto, Póvoa da Atalaia, 50\$; P.º Domingos Costa, Monsul, 50\$; Valentim de Carvalho, Lisboa, 100\$; Alfredo Machado, Lisboa, 100\$; João Bastos, Estoril, 500\$; Dr. Oscar de Oliveira Simões, Lisboa, 50\$; José Alberto Moura Cruz, Braga, 20\$; Felisbela Beleza, Porto, 20\$; José Guedes Barbosa, Valadares, 150\$; João G. Marques Huet de Baccalar, Porto, 100\$; Maria José Bessa M. Frazão, Foz do Douro, 25\$; Maria Teresa Côrte-Real Barros, Frades-Braga, 50\$; Lourenço da Cruz Magalhães, Porto, 20\$; Luís dos Passos Peixinho, Viana do Castelo, 30\$; João Pereira Boncon, Espinho, 20\$; Maria Adelaide Camacho Pereira, Sintra, 20\$; Alice Ramalho Pereira, Leça de Palmeira, 20\$; Maria Manuela Vasconcelos, Lisboa, 20\$; Albertina de Almeida Marques, Lourinhã, 50\$; P.º Manuel Mendes Gaspar, Chão do Couce, 25\$.

Continua.